

ETNODESENHOGRAFIA

A subjetividade em cadernos de desenho de rua

ETHNODRAWINGGRAPHY

The subjectivity in urban sketchbooks

Pacheco Pereira, Carla Freitas
Universidade Católica de Brasília
estudio@caliandradesenhos.com.br

RESUMO

O artigo trata de uma investigação etnográfica do movimento denominado *Urban Sketching*. Propõe-se construir um olhar transdisciplinar para fenômenos urbanos contemporâneos, contrapondo a experiência do desenho de rua aos métodos tradicionais. O problema colocado é o deslocamento do modelo de ensino frente aos atuais meios de representação gráfica do espaço. A análise apoia-se na fenomenologia de Merleau-Ponty, na genealogia de Foucault e Certeau, somados a historiografia feminista de Silvia Federici. Baseia-se, também, na etnografia urbana do antropólogo, José Guilherme Magnani, somados à visão da filósofa Ondina Pereira sobre a construção da subjetividade na contemporaneidade. A pesquisa pretende, assim, subsidiar uma visão epistemológica do ensino do desenho contemporâneo nas escolas de Arquitetura e Urbanismo. Analisando a construção da subjetividade a partir do uso da linguagem gráfica, espera-se, por fim, avaliar como o desenvolvimento desta habilidade afeta a percepção do espaço urbano.

Palabras clave: cidade, etnografia, subjetividade, desenho urbano.

Bloque temático: análisis y ordenación del paisaje

ABSTRACT

The article deals with an ethnographic investigation of the movement called *Urban Sketching*. It proposes a transdisciplinary cover for the contemporary urban phenomena, contrasting experience of street design to the classics. The problem is the displacement of the model from the forward direction to the means of graphical representation of space. An analysis is based on the phenomenology of Merleau-Ponty, on the genealogy of Foucault and Certeau, in addition to the feminist historiography of Silvia Federici. It is also based on the urban ethnography of the anthropologist, José Guilherme Magnani, added to the vision of the philosopher Ondina Pereira on a work of subjectivity in the contemporary world. The research intends, therefore, to subsidize an epistemological vision of the teaching of children in the schools of Architecture and Urbanism. Analyzing a basic language based on the use of graphic language, it is hoped, finally, to evaluate how the development of this ability affects the perception of the urban space.

Keywords: city, ethnography, subjectivity, urban design.

Topic: landscape analysis and management

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste artigo é analisar o fenômeno do desenho de rua como ferramenta potencializadora de expressão da subjetividade, através da etnografia do evento denominado *Urban Sketchers* Brasil realizado em Salvador, em setembro de 2018. A escolha deste procedimento metodológico pretendeu construir um olhar contemporâneo para novos fenômenos urbanos investigando como a habilidade de desenhar pode tornar-se ferramenta potencializadora de expressão da subjetividade. A etnografia constitui-se de três etapas distintas: o pré-campo que é o momento inicial de levantamento de informação para suporte da etapa posterior, que é a realização do trabalho de campo e finalmente a última etapa que se constitui das análises realizadas a partir da observação. É parte das estratégias etnográficas para reconhecer categorias e reconstituir unidades de análise a observação atenta somada a conversas e relatos de campo. Desta forma, a investigação pretendeu construir uma visão epistemológica do ensino do desenho contemporâneo realizando uma reflexão de como a apropriação de uma determinada linguagem pode ser utilizada para a construção de si mesmo, ou seja, para a autoconstrução do sujeito, para a produção de conhecimento necessário para relacionar-se com o mundo.

1. ETNOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

O trabalho etnográfico é um procedimento de pesquisa típico da antropologia, um método de observação prolongada de situações e pessoas com objetivo de realizar reflexões teóricas sobre comportamentos humanos ou relações sociais de um grupo. Curiosamente, o processo de aprender a desenhar baseia-se no mesmo princípio de observação acurada e registro da realidade, como entendia o urbanista Lucio Costa (2007) que tentou estabelecer um método para o ensino de desenho nos cursos secundários brasileiros há 70 anos atrás, e já apontava dificuldades fundamentais, como a ausência de formação específica do professor. Sobre a ausência de formação verifica-se que persiste pela sucessiva desvalorização da matéria como forma de conhecimento.

A tentativa de inclusão do desenho nos currículos escolares brasileiros como instrumento de formação de mão de obra qualificada data de fins do século XIX, com o pensamento de Rui Barbosa (1883), Costa (2007) buscou aí, provavelmente, suas referências para estruturar um modelo de ensino, que se afasta desta primeira visão utilitária. Infelizmente, suas propostas nunca saíram do papel. Hoje, o ensino de desenho é bastante rarefeito, e sua importância tem diminuído a cada dia, o que é lamentável, pois o que se exclui é a imaginação como ação consciente e transformadora no mundo.

Encontramos no texto da filósofa Ondina Pena Pereira (2005) pistas para construir um entendimento sobre a ausência do ensino de desenho nas escolas e universidades contemporaneamente, enquanto que na vida cotidiana a atividade subsiste. A autora investiga a significação da cena analítica, enquanto para nós trata-se de investigar a significação do desenho como forma de conhecimento e de suas pesquisas emerge a perspectiva de que o espaço analítico é aquele que se opõe ao da vida instrumentalizada, automatizada, pragmática e econômica (Pereira, 2005). É um espaço de valorização da existência e do ócio compreendido como tempo gasto com uma atividade não produtiva, e o que a reflexão desvela é a possibilidade de indivíduos da sociedade moderna investirem parte de seu tempo e dinheiro em uma atividade que não é organizada pela lógica da produção capitalista (Pereira, 2005), e talvez seja exatamente isso que o movimento *Urban Sketchers* esteja realizando.

A arqueologia do saber de Foucault, a fenomenologia de Merleau-Ponty e a corporificação subjetiva de Federici também dão suporte à pesquisa de campo, constituindo fio condutor teórico para uma abordagem atual das questões levantadas que envolvem, além da legitimidade do ensino de uma linguagem gráfica como forma de expressão da subjetividade humana, a percepção da cidade que se habita. Foucault representa o rompimento com a ideia de uma verdade pré-existente às lutas pela imposição dos significados a partir do reconhecimento de uma ordem de discurso construída. Merleau-Ponty contribui com a possibilidade de resgate do corpo e do

espírito na produção do conhecimento, deixando este de constituir apenas objetividades abstratas. E por fim, Federici é a possibilidade de reconectar os sujeitos sem negar suas diferenças fundamentais.

2. PRESSUPOSTOS DA INVESTIGAÇÃO ETNOGRÁFICA

Chega-se à universidade carregando um mito difícil de romper: o de que desenhar é talento nato. E para aqueles que não tiveram essa sorte, resta-lhes apoiar se em ferramentas tecnológicas sofisticadas, que produzem uma sensação fugaz de poder de representação, reforçando assim o mito do dom, e cristalizando a condição de excluídos. Desmistificar esta ideia é tarefa difícil, pois o processo de ensino, relegado a segundo plano, consolidou a pouca exigência de formação específica do professor na área, o que contribui para o baixo grau de desenvolvimento da condição de observar e traduzir em formas gráficas ideias complexas. Um analfabetismo funcional reforçado na relação aluno-professor pelo mito de que um não pode ensinar e o outro não pode aprender, permanecendo os dois sujeitos isolados em si mesmos.

Ao mesmo tempo, cabe perguntar: desenhar o quê e para quê? Há um esvaziamento do sentido deste saber frente ao mundo tecnológico, talvez porque os objetivos do ensino do desenho no Brasil estiveram relacionados com a possibilidade apenas de instrumentalizar o operário para o mundo do trabalho. Logo, com o advento da computação, deslocou-se a importância da disciplina para posições irrelevantes.

O estudo etnográfico pretende tornar visíveis as relações sujeito-mundo e a construção da subjetividade a partir do uso da linguagem gráfica, avaliando como o desenvolvimento da habilidade afeta a percepção do espaço urbano, trazendo um olhar *de perto e de dentro* que pretende “captar arranjos, mecanismos e saídas surpreendentes dos atores sociais e que não são visíveis a uma olhar meramente de fora” (Magnani, 2003:93). As categorias de *pedaço*, *mancha*, *trajeto*, *circuito* e *pórtico* estabelecidas por Magnani através de estudos etnográficos do espaço urbano são usadas para descrever relações sociais na cidade possibilitando entender as diferentes situações da dinâmica cultural, portanto, podem ser úteis aqui. O conceito de *pedaço* relaciona-se com a ideia de pertencimento, da percepção de fronteiras e da diferença, e pode se inserir em uma *mancha*, que é uma estrutura maior na paisagem. A categoria *mancha* ocorre “sempre aglutinada em torno de um ou mais estabelecimentos, apresenta uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário” (Magnani, 2002:23). A *mancha* caracteriza-se por possuir vários *trajetos*, resultados dos deslocamentos dos frequentadores destes espaços. Os *circuitos* aparecem como categoria que reúne os diversos *pedaços*, *manchas* e *trajetos*, são espaços onde as trocas e encontros ocorrem. E por fim, os *pórticos* são os espaços de transição e se configuram como os lugares de passagem na paisagem urbana, são os vazios ou lugares de ninguém.

A apropriação destas categorias é uma tentativa de verificar um fenômeno na cidade de *perto e de dentro* e realizar um deslocamento do sujeito que estuda o espaço urbano desde a posição de urbanista, afastado das relações sociais desenvolvidas na cidade, para se aproximar do urbanista cidadão que vive e é afetado pela cidade. As categorias apresentadas por Magnani (2002) podem dialogar com as descritas por Lynch (1997): vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos, e que foram usadas para descrever os elementos estruturadores da forma da cidade. O autor formula a partir daí o conceito de imaginabilidade dos espaços urbanos, que é “a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado.” (Lynch, 1997:11) E imaginabilidade é, de alguma forma, o que se espera encontrar ao se ir desenhar na cidade.

3. DESCORTINANDO O MOVIMENTO URBAN SKETCHERS

O *Urban Sketchers* é uma organização internacional que se dedica a prática do desenho de observação *in loco*. Começou a se formar em 2007, com o crescimento da comunidade foi preciso estabelecer um norteador para a prática, e o manifesto do grupo foi traduzido para vários idiomas, reforçando a ideia de internacionalização:

1. Desenhamos in situ, no interior e no exterior, capturando diretamente o que observamos.
2. Os nossos desenhos contam a história do que nos rodeia, os lugares onde vivemos e por onde viajamos.
3. Os nossos desenhos são um registo do tempo e do lugar.
4. Somos fiéis às cenas que presenciamos.
5. Usamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual.
6. Apoiamo-nos uns aos outros e desenhamos em grupo.
7. Partilhamos os nossos desenhos online.
8. Mostramos o mundo, um desenho de cada vez.

Surgiram, também, os Simpósios Internacionais que, desde 2010, já aconteceram em diversas cidades pelo mundo. O *Urban Sketchers* Brasil começou em 2011, e em 2014, o Brasil foi a sede do encontro anual do movimento, que realizou-se na cidade histórica de Paraty. Após sediar o simpósio internacional, o movimento no Brasil ganhou força para organizar eventos anualmente, assim aconteceram os Encontros em Curitiba (2016), em São Paulo (2018) e em Salvador (2018).

O breve levantamento apontou a existência de muito material disponível para subsidiar a pesquisa, e a maior parte acessível digitalmente. Identificou-se que a cada dia mais publicações tornam-se disponíveis, o que faz do trabalho de pesquisa tarefa dinâmica e constante, indicando que existe interesse pela prática de desenho. O curioso desta constatação é que, nas universidades o desenho como disciplina esteja se desvalorizando. Desvela-se aqui que a prática cotidiana de desenhar, longe das disciplinas acadêmicas, é entendida como passatempo lúdico, por um lado reforçando sua inutilidade para o mundo do trabalho, e como forma de conhecimento, mas por outro trazendo à tona o interesse pela prática como lazer.

4. EXPEDIÇÃO ETNOGRÁFICA

O fenômeno objeto de estudo aconteceu em Salvador, de 06 a 09 de setembro de 2018. A expedição foi balizada pela tríade da observação etnográfica: cenário, atores e regras. Partindo deste esquema, foi possível estabelecer eixos de observação. Como participante do movimento, já conhecia atores e regras, e meu instrumento de pesquisa basicamente se constituiu de um caderno de campo que se confundia com meu próprio caderno de desenhos, e meu celular como máquina fotográfica para registros rápidos.

4.1 Abertura (06/09/2018)

A abertura oficial do evento foi numa quinta-feira à tarde, no Foyer do Teatro Castro Alves. Os participantes chegavam, retiravam seus crachás e sacolas, iam sentando pelo chão ou em seus próprios bancos de desenho ou se detinham em conversas com conhecidos em meio a muitas *selfies*. Alguns desenhistas já se posicionavam para ilustrar a cena que era de descontração e uma certa intimidade, indicando a existência da categoria *pedaço* descrita por Magnani (2002). Neste aspecto, o encontro difere totalmente dos encontros acadêmicos, onde existe uma formalidade maior e os participantes não têm entre si grande proximidade.

Encerrada a cerimônia, a próxima etapa foi o *drinks & draw*, sessão noturna de desenhos, marcada no Largo de Santana, ponto de encontro noturno para turistas. Chegando lá, muitos *sketchers* espalhavam-se pelas mesas com bebidas, petiscos e vários cadernos de desenhos, que iam sendo realizados em diferentes técnicas numa democracia de estilos. Era uma *mancha* com seus diversos *pedaços* reunidos em ação. Certa altura, fui convidada a fazer um desenho no caderno de um dos *sketchers* populares do movimento, o Roque, que solicitava a cada pessoa que encontrava que fizesse no caderno dele um retrato dele mesmo em qualquer técnica e assinasse. A experiência me fez refletir o quanto desta ação tinha do espírito das trocas simbólicas livres dos valores econômicos (Pereira, 2014), era levar algo de alguém consigo, uma lembrança, mas não um

souvenir. É costume desta comunidade a troca de ilustrações como gesto de amizade, ali Roque acumulava lembranças recolhendo desenhos de diversas pessoas que conhecia ao se movimentar entre os *pedaços* de *urban sketchers*.

O que se revelou em campo foi a conexão com uma nova possibilidade de construção de sentido, onde a *produção* (pro-ducere: conduzir a um fim) é contraposta a *sedução* (se-ducere: conduzir-se a si mesmo), conforme nos ensina Ondina Pena (Pereira, 2014). Uma estratégia de resistência à hegemonia de produção de conhecimento no mundo contemporâneo, onde o que está em jogo não é uma troca econômica, mas uma troca simbólica entre indivíduos. Roque oferecia seu caderno e em troca levava o desenho feito por alguém.

Nesse jogo em que o objeto se desdobra no efeito da reversibilidade, traduzir o intraduzível é pura sedução e poesia. Não a sedução consumista, os versinhos sorridentes, facilidades culturais, mas a poesia como troca, como *potlach* – palavra *chinook* que Marcel Mauss buscou dos maori e que Baudrillard adota como chave para seu pensamento: Trata-se, no *potlach*, de uma rivalidade dispendiosa que ocorre em um tipo de realidade social onde o que está em jogo não é o dinheiro, nem a mercadoria, nem a troca econômica, mas a reversão, segundo a qual a todo dom deve corresponder um contra dom. (Pereira, 2014:6)

O *potlach* é uma cerimônia indígena, uma forma de troca simbólica diferente das trocas mercantis das sociedades modernas, “com o *potlach*, o que está em jogo é da ordem da obrigação ritual, onde aquele que só pode receber sem nunca dar é o verdadeiro escravo” (Pereira, 2014: 27). Assim, aquela brincadeira se descortinava em categoria a ser observada, a do *potlach*, como troca simbólica, onde um oferecia seu caderno como dom e o outro deveria retribuir com um desenho como contra dom.



Imagem 01 – Reunião de *sketchers* para a sessão *sketchcrawl*

4.2 Primeiro dia (07/09/2018)

Na manhã de sexta-feira, no Terreiro de Jesus, estava marcado o primeiro *sketchcrawl*, uma maratona de desenhos de observação. Nas regras deste jogo os desenhos depois de prontos são expostos no chão e registrados em fotos, é de praxe que após a exposição aconteça um sorteio de livros sobre desenho.

Chegando no local do encontro o casario colonial restaurado, que conferia o clima de cidade antiga. Um cenário organizado pelos trabalhadores do patrimônio histórico; selecionando o que deveria permanecer como imagem da cidade. No caso particular de Salvador, ainda houve a expulsão dos moradores de baixa renda, que não combinavam com a imaginabilidade (Lynch, 1997) que se desejava para a cidade.

Como chovia e parava a todo instante, os desenhistas estavam dispersos procurando se abrigar como fosse possível. Aqueles que terminavam suas ilustrações, partiam para buscar novas paisagens. Nesta procura paravam para conversar e mostravam com orgulho as ilustrações já realizadas. Era possível identificar que estes eram os *sketchers* experientes, era o *pedaço* dos profissionais. Os mais lentos se dispersam entre conversas e *selfies*, e era possível notar uma certa timidez, eram do *pedaço* dos novatos ou dos que vinham de outras áreas onde o desenho não fez parte de sua formação.

A manhã terminou como de costume: exposição, foto, sorteio. À tarde o *sketchcrawl* continuava no centro histórico, no Pelourinho. Transitei entre *pedaços*, investigando comportamentos, e pude observar diversos desenhos de excelente qualidade convivendo com outros menos sofisticados. Pareceu-me democrático e de acordo com o manifesto do grupo. Finalizada a maratona da tarde, novamente, com exposição, fotos e sorteio. E próxima etapa era o *drinks & draw*, no Largo da Cruz do Pascoal, não compareci, precisava descansar, desenhar *in loco* é uma experiência de ação subjetiva e corpórea no mundo que consome energia.

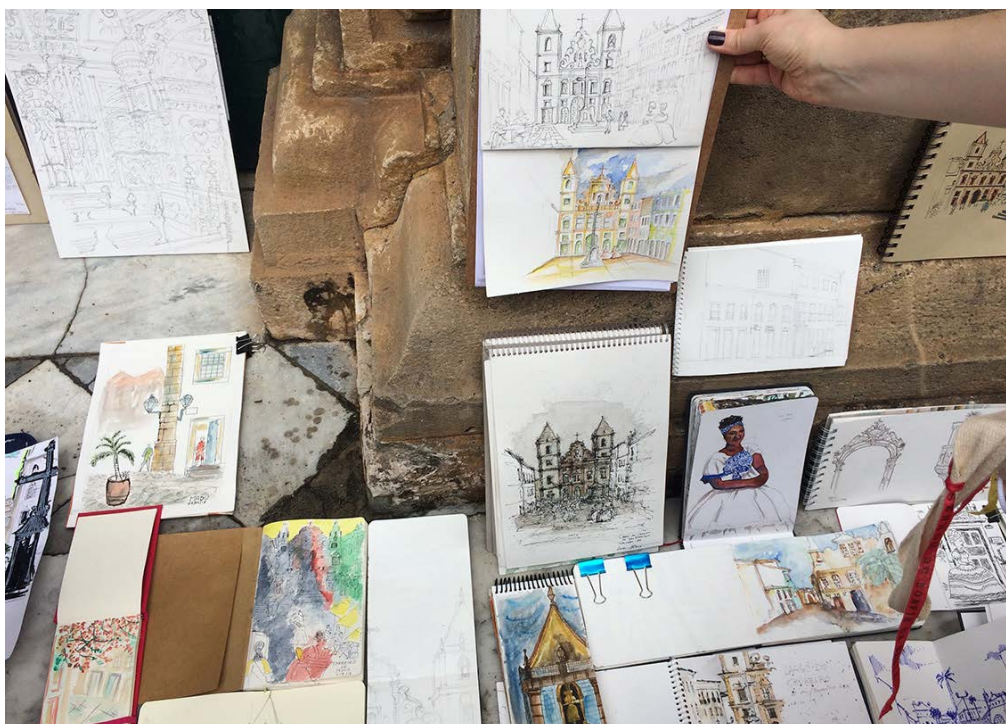


Imagem 02 – Exposição de desenhos ao final de uma sessão *sketchcrawl*

4.3 Segundo dia (08/09/2018)

O segundo dia começaria na Praça Tomé de Souza, onde fica o Elevador Lacerda, outro ponto turístico, e como era sábado não havia trânsito, apenas turistas procurando pelas *selfies* perfeitas para revelar ao mundo onde estavam. E nós *urban sketchers* não estávamos fazendo o mesmo? Haviam diferenças, tínhamos que permanecer olhando a cena por mais tempo, e também não éramos nós o centro das atenções, e sim a paisagem urbana. Há aqui uma ideia de fruição que difere de mero consumo, de alguma maneira se deseja um tempo diferente do tempo da modernidade líquida onde toda experiência é reduzida à velocidade. Ao final da manhã, tudo transcorreu seguindo os rituais *Urban sketchers*.

A tarde foi no, também turístico, Solar do Unhão. Os desenhistas se espalhavam pelos diversos cantos, mas já era possível notar o cansaço. Um episódio particular trouxe de volta a ideia do *potlatch* como categoria de análise: caderno de uma das minhas companheiras de maratona acabou, ofereci uma folha, e, em retribuição, ela me devolveu o desenho realizado.

O *drinks & draw*, desta noite era de difícil acesso para o turista, ficava no bairro de Nazaré. A escolha diferia das outras, o lugar não tinha o espírito de cenário. Havíamos atravessado um *pórtico*, estávamos nas zonas além das fronteiras turísticas, mas curiosamente, poucos se aventuraram em desenhar, esquecendo-se do manifesto do grupo. Outro episódio chamou atenção, vi *sketchers* admirando um desenho feito em uma embalagem de pizza, a caixa circulou de mão em mão para adoração de todos, como um artefato mágico de uma tribo em transe na sua cerimônia religiosa.

4.4 Terceiro dia (09/09/2018)

A manhã do último dia foi no Forte São Marcelo, cujo acesso é feito apenas por barcos, o edifício é fechado ao público, embora histórico não era turístico. Enquanto esperava a travessia, conversei com senhoras que me explicaram sobre seus encontros apenas de mulheres, para desenhar todas as sextas, num café. Ali elas se permitiam não seguir as regras do movimento, criavam as suas próprias. Importava a subjetivação individual de cada uma e as trocas simbólicas que podiam realizar.

A manhã seguiu no roteiro das maratonas anteriores. A ausência, naquela última manhã, foi de uma cerimônia que marcasse o encerramento. A impressão de não haver terminado foi a que levei comigo. Depois da travessia da volta, alguns *pedaços* combinaram de almoçar, ou de fazer algum passeio, outros, como eu, tinham que regressar aos seus estados de origem, a mancha *Urban Sketchers* havia se dispersado.

5. PÓS CAMPO

Retomando a tríade que norteou o trabalho de campo poderia resumir em poucas palavras o observado. O cenário foi o de uma das cidades turísticas mais relevantes do nordeste brasileiro. Os atores eram pessoas de boa instrução e razoável condição econômica e as regras das maratonas foram estabelecidas num plano internacional. A partir das categorias de Magnani identificamos articulações como chave de leitura para as relações entre diferentes subjetividades no espaço urbano. O encontro *Urban Sketchers* é a *mancha* que reunindo *pedaços* de desenhistas permitia comunicações através dos *potlatch*, que podiam se realizar nos *trajetos* entre os *pedaços* que se relacionavam no interior da *mancha*. Os organizadores do encontro, por sua vez, determinaram *circuitos* por onde os diversos *pedaços* deveriam passar, e ao estabelecê-los, criaram também os *pórticos*.

Chamou atenção a escolha dos lugares para as atividades: pontos turísticos. Podemos retomar as categorias de Lynch (1997) para defini-los como marcos, mas não pontos nodais da cidade, isso porque a ideia de ponto nodal está relacionada com a de conexão entre os espaços de vida urbana e concentração de habitantes circulando. Os lugares-cenário constituíram-se no pano de fundo das relações sujeito-mundo estabelecidas entre os *sketchers*. O manifesto do grupo indica que a ideia principal é contar a história dos lugares

experienciados com a nossa presença corpórea. Mas, falar de espaço é, também, falar de tempo, essas são as duas dimensões que nos colocam no mundo físico, portanto, os registros gráficos deveriam ser registros do tempo-lugar particularizados, do *Genius loci* e do *Zeitgeist* das cidades por onde se transita.

Os espaços em Salvador eram fragmentos preparados para receber um determinado público, como na sala de visitas, tudo ali deve ter sido previamente arranjado para o outro que vem de fora. A ideia de sala de visitas revela ambiguidades, pois, se por um lado oferece um espaço preparado para acolher, por outro, oculta o cotidiano. Mostrando apenas a parte turística da cidade, a organização do evento faz emergir uma ideia enraizada nos costumes brasileiros sobre o espaço de estar que não revela nada da vida diária.

Considerando que as cidades latino americanas, em particular as brasileiras, carecem de infraestrutura básica para atender a maioria da população e que este problema não afeta apenas áreas periféricas, mas também seus centros velhos, como é o caso de Salvador, percebe-se porque escolher lugares da vida diária poderia comprometer os pontos de vistas a serem desenhados. Assim, é preciso retirar da sala e esconder a parte desorganizada, feia e violenta das cidades para não assustar o visitante. Estas escolhas perpetuam sistemas de exclusão e precisam ser debatidas, pois afetam as relações sociais na cidade gerando conflitos. Excluir, esconder e esquecer partes da história da cidade, de seu tecido urbano, castrando-lhes a possibilidade de simbolização, para que não façam parte da construção do conceito de imaginabilidade é uma ação que vem sendo repetida historicamente. A parte que se quer esconder nas cidades determinou as escolhas dos *circuitos* por onde os *urban sketchers* deveriam passar. Eles não deveriam atravessar os *pórticos*, esses lugares de fronteiras, limites entre o revelável e o que deve ser deixado oculto.

A vida que acontece no fundo do emaranhado urbano e longe dos turistas, é justamente o que se quer esconder nas cidades, de certa maneira matá-las e retirá-las da presença dos vivos. A vida sem moradia, sem trabalho, sem educação, sem saneamento básico, sem saúde, sem mobilidade, e mais outros tantos problemas comuns às metrópoles latinas não pode definitivamente ser revelada. As considerações do arqueólogo Salvatore Setti (2014) ampliam o debate ao afirmar que de três maneiras, as cidades morrem: quando um inimigo implacável as destrói; quando um povo estrangeiro se instala à força, afastando os nativos e seus deuses; ou, finalmente, quando os habitantes perdem a memória de si, e sem perceber, tornam-se estrangeiros e inimigos para si mesmos.

Mas estar sob uma cenografia artificial de uma cidade que deseja esquecer de si mesma afetava pouco o entusiasmo dos desenhistas, que na informalidade do evento estavam ali para escapar, por alguns dias, do pesado mundo do trabalho. Bastava sentar e desenhar, não importava se era só um cenário, não importava a técnica ou a falta dela. Ali parece ter havido uma suspensão daquele mito de que desenhar é um dom, o que estava em jogo era a experiência compartilhada como troca simbólica. E neste sentido temos uma forma, talvez ainda bastante inconsciente, de estratégia de resistência à forma hegemônica de produção de conhecimento. Aquelas pessoas estavam ali resgatando qualquer coisa que tenha sobrevivido de sua própria subjetividade perdida para uma sociedade líquida de consumo voraz, que em sua velocidade faz tudo desaparecer em segundos.

A pesquisa apontou duas diretrizes de análise: a falta de percepção da realidade circundante devido a sucessivas subtrações e exclusões no tecido das cidades, que é um problema da investigação urbanística; e a falta de percepção de si, problema identificado pelos psicanalistas que verificam o acentuado crescimento das depressões relacionadas à ausência da possibilidade de subjetivação. Considerando estes aspectos, a investigação etnográfica, olhando para o movimento de desenho de rua *de dentro e de perto*, revelou uma possibilidade de ressignificação do ensino de desenho rompendo, ou suspendendo temporariamente, os efeitos do mito do talento nato. E, embora o ensino de desenho permaneça relegado a segundo plano, percebeu-se a possibilidade de se construir um novo paradigma para esta disciplina.

Michel de Certeau (2011), referência fundamental para pesquisadores que problematizam o cotidiano, a diversidade cultural e as perspectivas históricas, torna-se aqui também uma importante chave de leitura. Propondo um diálogo entre historiografia e psicanálise, a partir de perspectivas etnográficas e antropológicas, seu pensamento articula-se com o de Foucault apontando a possibilidade de uma interpretação histórica a partir da linguagem, da escrita (ou do desenho na nossa investigação) e da subjetividade.

Foucault (2016), entendendo a história como uma construção cultural de uma sociedade em um tempo e lugar, torna possível o desvelar de um discurso gráfico dominante e hegemônico. A partir de Foucault entende-se o desenvolvimento do desenho como método científico eurocêntrico, que exclui outras formas de ver e de expressar graficamente. Para a pesquisa é a oportunidade de propor uma conexão entre a pouca ou nenhuma importância atribuída a um determinado saber e a sua impossibilidade de conquistar um lugar de fala nas academias brasileiras.

Os atores desta etnografia eram predominantemente oriundos das profissões liberais, principalmente as que tiveram o desenho como base de conhecimento. Chama a atenção o fato de que as profissões liberais, no mundo contemporâneo, sofrem uma pressão avassaladora em relação à produtividade que deve ser constantemente aumentada, isso torna a vida um verdadeiro estresse. E, neste sentido, o espaço oferecido pelo movimento é semelhante àquele descrito por Ondina (Pereira, 2005) em sua análise do consultório psicanalítico que irá se opor ao da rotina pragmática do dia a dia, onde a existência pode por um instante fazer uma pausa da vida economicamente ativa e possibilitar a emergência do ser. Neste sentido, o interesse epistemológico na fenomenologia de Merleau-Ponty é a possibilidade de recolar o sujeito no mundo. Construir um novo olhar sobre o ato de desenhar visto como fenômeno da percepção humana e não meramente como instrumentalização para o trabalho, e que revela um corpo mergulhado no mundo a vivenciar o cotidiano pelo espírito. Esta ideia opõe-se à do desenho acadêmico das regras rígidas de construção perspectiva, onde os pontos de vista estão previamente estabelecidos e apartados da presença corpórea no espaço, método que hoje está obsoleto e superado por softwares potentes, reforçando a inutilidade do desenho como instrumentalização para o trabalho.

O conceito de corpo é descrito por Merleau-Ponty (2015) como elemento ativo na produção da experiência. É daí que vem a contribuição deste autor para a pesquisa; encontrar formas de reaprender a ver e registrar graficamente, e assim renovar o ensino do desenho. É, ainda, possibilidade de trazer para o mundo o urbanista que se perdeu na prancheta digital idealizando simulacros genéricos. A urbanística, ao retirar-se do mundo ignorando a formação espontânea das cidades, e transformando tudo em objetos genéricos, transformou também os sujeitos em genéricos. Assim, é urgente reencontrar o corpo operante como uma totalidade capaz de ver o mundo concreto, acessando a própria capacidade de descrevê-lo em formas gráficas, pois assim poderá aumentar a potência da expressão subjetiva. Enfim, renovar a ideia de cidade para pessoas que abriga a vida entre os edifícios, e que oferece espaços para as relações sociais.

A cidade genérica exclui as diferenças, quer ser universal, mas reforça valores masculinos. A historiadora feminista Silvia Federici (2017) traz a discussão sobre as diferenças subjetivas fundamentais entre os corpos que operam no mundo, ignorados pela ideia de sujeito universal e genérico. Das interações entre o pensamento de Merleau-Ponty e Silvia Federici, temos a ideia de reinserção do corpo nas questões que envolvem a construção de subjetividades. O feminismo como epistemologia no pensamento de Federici tem importância por não presumir que a história seja única e universal, escrita por um sujeito também universal. Mas, pelo contrário, aponta para a necessidade de se compreender como as hierarquias sociais que possibilitam experiências diversas podem também se traduzir em conhecimento. E assim o feminismo apresenta-se como uma ruptura de um discurso dominante, e que, por isso, pode contribuir para entender todas as categorias que se tem usado para definir a sociedade.

No entanto a observação etnográfica revelou que a preocupação em estar em locais turísticos, tidos por seguros e apartados da população, reforça a construção de uma imaginabilidade da exclusão nas cidades, que

oferecem um simulacro descorporificados e sem as verdadeiras memórias do espírito do tempo e do lugar. Um *urban sketcher*, conforme seu próprio manifesto, deve ser um viajante realizando a seu modo uma **etnodesenhografia** revelando em ilustrações os *Genius loci* e *Zeitgeist* dos lugares por onde passa com sua presença corpórea.



Imagem 03 – Foto final após uma sessão *sketchcrawl*

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação etnográfica pretende aqui subsidiar a construção de uma visão epistemológica renovada para o ensino do desenho nas escolas de Arquitetura e Urbanismo; não mais como instrumentalização para a representação matemática do espaço, descorporificada e genérica que reproduz processos de exclusão. A pesquisa deseja fazer emergir a possibilidade de um resgate de subjetividades através de um jogo lúdico, que estabeleça a cidade como palco, e permita uma construção de sentido que se desloca da produção (*pro – ducere: conduzir a um fim*) para seu contraposto a sedução (*se-ducere: conduzir-se a si mesmo*). Enfim, uma oportunidade de escapar das amarras tecnológicas ou de poder estar no mundo resgatando algo da dimensão humana, que para além de dominar um código, é o desejo de usá-lo que prevalece, agindo no mundo livremente através de processos diversos de subjetivações por meio de criações particularizadas.

Assim, a hipótese de investigação sugere que o desenho pode ser uma chave contemporânea para a subjetivação ao possibilitar o deslocamento do sujeito da produção, quer dizer, da instrumentalização para o trabalho, para a sedução, conduzindo-se a si mesmo como potência expressiva. Desta forma, desloca-se também o papel do urbanista educador em desenho, não caberia mais ensinar regras de desenho urbano, mas mediar a construção do olhar sensível para os espaços da cidade.

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, L. (2007). Lucio Costa: sobre arquitetura. Organizado por Alberto Xavier. 2ª edição. Porto Alegre: Editora UniRitter. 363p.
- LYNCH, K. (1997). A imagem da cidade. (L. C. Jefferson, Trad.). São Paulo: Ed. Martins Fontes. 227p.
- PEREIRA, O. P. (2005). No horizonte do outro: uma etnografia da cena analítica na sociedade contemporânea. 2ª edição. Brasília: Universa. 244p.
- PEREIRA, O. P. (2014). As aparências importam: Morte, Poesia e Feminismo em Baudrillard. Jundiaí, SP: Paco Editorial. 180p.
- MERLEAU-PONTY, M. (2015). O olho e o espírito. (P. Neves & M. E. G. G. Pereira, Trad.). 1ª reimpressão. São Paulo: Casac Naify. 187p.
- SETTIS, S. (2014). Se Venezia muore. Milano, Italia: Giulio Einaudi Editore. 154p.
- FOUCAULT, M. (2016). As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. (S. T. Munchail, Trad.). 10ª edição. São Paulo: Martins Fontes. 541p.
- CERTEAU, Michel de. (2011). História e psicanálise: entre ciência e ficção. (G. J. de F. Teixeira, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. 256 p.
- FEDERICI, S. (2017). Calibã e a bruxa. Mulheres, corpos e acumulação primitiva. (Coletivo Sycorax, Trad.) São Paulo: Editora Elefante. 460p.

Revistas

- MAGNANI, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais (São Paulo), v. 17(49), 11-29.
- MAGNANI, J. G. C. (2003). A Antropologia Urbana e os desafios da metrópole. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP (São Paulo), v. 15(01), 81-95.

Fontes eletrônicas

BARBOSA, R., ESPINOLA, T. do B., e VIANNA, U. M. P. (1883). Reforma do ensino primário e varias instituições complementares da instrução pública. Rio de Janeiro: Typographia Nacional. 224p. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242356>.

Urban Sketchers. <http://www.urbansketchers.org/> (consulta em 03/03/2018)

Urban Sketchers Brasil. <http://brasil.urbansketchers.org/> (consulta em 03/03/2018)